

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

INSTITUTO DE ARTES

BACHARELADO EM ARTES VISUAIS

RAFAEL PINTO DALL' AGNOL

Menino e a Peça Solta:

Uma história em quadrinhos de sentimentos omitidos.

Porto Alegre

2021

Menino e a Peça Solta:

Uma história em quadrinhos de sentimentos omitidos.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado para obtenção do título de Bacharelado em Artes Visuais, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora:

Prof.^a Dr.^a Paula Mastroberti

Banca examinadora:

Prof.^a Dr.^a Lilian Maus

Prof.^aDr.^a Jéssica Araújo Becker

Porto Alegre

2021

RESUMO

Esse trabalho se propõe a refletir, utilizando da subjetividade narrativa gráfica e do desenho, sobre as implicações psicológicas que uma cultura masculina tóxica tem sob a personalidade de quem nasce nela. O foco da história em quadrinho é na minha experiência subjetiva com a masculinidade, mas utiliza de referências como Bell Hooks para fundamentação teórica e os dados do estudo “O Silêncio dos Homens”.

Descreve como cheguei ao tema da masculinidade tóxica e defende a escolha do quadrinho para contar essa história. Dedicando grande parte do texto ao processo através do qual as páginas e quadros foram desenhados, além das intenções criativas por trás deles.

Palavras-chave: masculinidade tóxica – história em quadrinho – gênero

SUMARIO

INTRODUÇÃO	5
1. RABISCOS E DIÁRIOS	7
2. QUADRINHOS	12
3. CONSIDERAÇÕES FINAIS	30
REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS	31

INTRODUÇÃO:

Nas últimas aulas das cadeiras de pintura e desenho do curso de Artes Visuais do Instituto de Artes da UFRGS os alunos são convocados a colocar todos os trabalhos produzidos ao longo do semestre na parede. A prática tem várias funções, entre elas a avaliação, mas ela também incentiva o aluno a encontrar os padrões no seu trabalho. Esses padrões podem se manifestar de diversas formas: alguns alunos tendem a pintar mais retratos, outros optam pela representação constante de certos objetos e tem alunos que trazem um tema recorrente.

Em específico, ao colocar meus trabalhos um ao lado do outro via as marcas da minha experiência com masculinidade tóxica, aqui definida como “a necessidade de competir e dominar agressivamente os outros e que circunda as tendências mais problemáticas dos homens” (Kupers 2005, 713). A proeminência desses elementos me deixou com uma “pulga atrás da orelha” que acabou me levando a buscar os diários e poemas da minha adolescência. Em meio a essas escritas que eu havia esquecido achei angústias várias: Comparando-me com um padrão físico irrealista e nocivo, uma incapacidade de aceitar a minha sensibilidade e de comunicá-la, uma competitividade muito grande com os meus pares e etc. Angústias todas que ainda existiam ou ainda faziam parte de mim de uma forma ou outra.

Outro padrão que os exercícios em aula expuseram pra mim foi que grande parte dos meus desenhos ilustram cenas. E que essas cenas pertenciam a histórias que eu passava o dia-a-dia imaginando. Essa relação imagem/história vejo que vem, também, da infância. Vindo de uma família que não tinha hábito de visitar o museu eu tive meus primeiros encontros com a poética da imagem através de quadrinhos, animações e videogames. E foi o interesse de reproduzir essas imagens que eventualmente me levou a criar meus próprios desenhos.



Fig 1 Rafael Pinto Dall' Agnol, Desenho sem nome em caderno, grafite sobre papel, 2015.



Fig 2 Rafael Pinto Dall' Agnol, Homunculus 1, Técnica mista, 2019.

Os quadrinhos também me mostraram um lado da produção artística que hoje marca muito o que eu quero do TCC: Usar o potencial que a imagem tem de instigar o espectador, seja através de mise-en-scène, enquadramento ou cor, a se envolver emocionalmente com a poética da minha obra.

Este trabalho está dividido em três capítulos. Para discorrer mais profundamente sobre meu trajeto, trago “Rabiscos e Diários”, no qual falo sobre minha produção artística ao longo do curso de Bacharelado em Artes Visuais. Meu foco é trazer os desenhos e anotações que construíram a base do que será explorado no segundo capítulo, “Quadrinhos”, no qual explico a metodologia e o processo de realização por trás do desenvolvimento da obra. E, por fim, o capítulo “Considerações Finais” que é uma reflexão sobre minhas experiências masculinas na infância buscando dar algum tipo de resolução para os sentimentos explorados no trabalho.

Por último gostaria de acrescentar que minha experiência na universidade foi muito permeada por um contato com pautas feministas. Tive a oportunidade de acompanhar minhas colegas investigando suas vivências através de seus trabalhos, entre elas a própria experiência feminina de opressão. Apesar de terem sido vários fatores que semearam meu interesse na investigação da minha experiência com

masculinidade, acho importante ressaltar que muitas vezes foram as discussões sobre o papel de gênero da mulher que me despertaram a curiosidade de embarcar nesse trabalho introspectivo. Afinal, muitas vezes, a discussão da experiência masculina de repressão emocional, é utilizada para silenciar a experiência feminina de opressão. Meu objetivo é que esse trabalho tenha um caráter construtivo e não competitivo.

1. RABISCOS E DIÁRIOS

Ao longo do Bacharelado em Artes Visuais eu tive muita dificuldade de produzir fora do meu *Sketchbook* e das aulas com ênfase no desenho de figura humana. Isso aconteceu, em parte, por um sentimento de que as minhas referências, mangá ou ilustração, não eram bem-vindas no espaço acadêmico. Lembro-me de ser repreendido por professores em vários momentos por dividir em quadros o papel, tentar incorporar elementos narrativos ou usar técnicas provenientes da ilustração. Eu entendo que o papel do professor é, principalmente no espaço artístico acadêmico, instigar o aluno a sair da sua zona de conforto, mas não via a mesma dureza com colegas que trabalhavam com outros estilos (ou convenções) com seus respectivos processos criativos. Muitas vezes nas aulas eu me via com poucos desenhos para apresentar nas avaliações, apesar de ter produzido todas as aulas no *Sketchbook*.

Em parte também não percebia meus valores refletidos no meu trabalho. Sempre percebi que meus colegas tinham claros assuntos dos quais tratavam, entre eles a experiência de vida como mulher. E depois de desabafar sobre o assunto com alguns colegas e um professor de desenho fui incentivado a levar tudo que eu tinha produzido ao longo do curso para analisarmos juntos. Foi apenas nesse momento no oitavo semestre que consegui enxergar nos meus trabalhos elementos em comum. As figuras retratadas eram de corpos masculinos frágeis, normalmente feridos e solitários. Também figuras de meninos como bonecos inexpressivos.



Fig 3 Rafael Pinto Dall' Agnol, Desenho sem nome em caderno , grafita em papel, 2017.



Fig 4 Rafael Pinto Dall' Agnol, Desenho sem nome em caderno , nankin em papel, 2017.

Depois disso explorei meus Sketchbooks e encontrei desenhos que buscavam representar imagens semelhantes além de desenhos representando jovens rapazes com apêndices monstruosos costurados em seus corpos como se

artificialmente transformados em monstros sem consentimento. Imagem que reflete o meu sentimento sobre os aspectos mais problemáticos da masculinidade tóxica.



Fig 5 Rafael Pinto Dall' Agnol, Pintura sem nome , acrílica em papel, 2019.

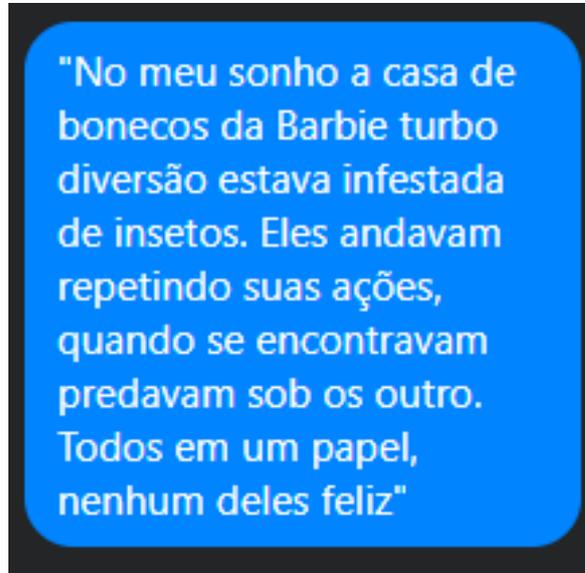


Fig 6 Rafael Pinto Dall' Agnol, Homunculus 2, técnica mista, 2019.



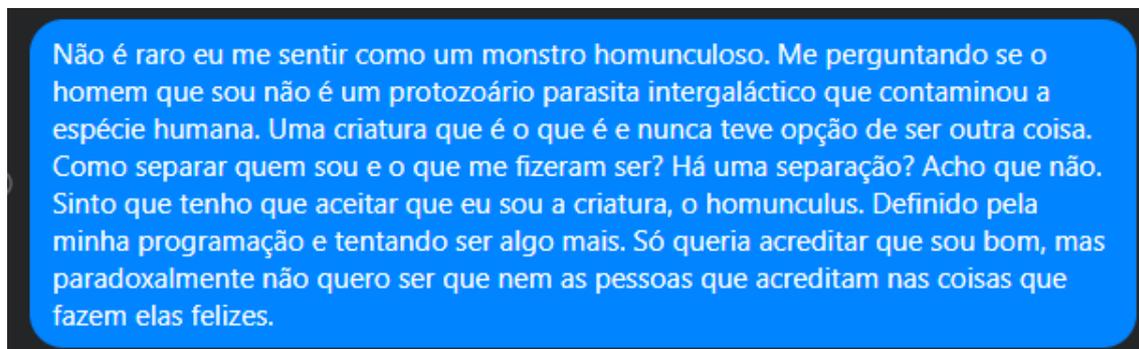
Fig 7 Rafael Pinto Dall' Agnol, Desenho sem nome em caderno , grafita em papel, 2018.

E depois, como já descrevi na introdução, busquei textos da minha adolescência.



"No meu sonho a casa de bonecos da Barbie turbo diversão estava infestada de insetos. Eles andavam repetindo suas ações, quando se encontravam predavam sob os outro. Todos em um papel, nenhum deles feliz"

Fig 8 Diário pessoal.



Não é raro eu me sentir como um monstro homunculo. Me perguntando se o homem que sou não é um protozoário parasita intergaláctico que contaminou a espécie humana. Uma criatura que é o que é e nunca teve opção de ser outra coisa. Como separar quem sou e o que me fizeram ser? Há uma separação? Acho que não. Sinto que tenho que aceitar que eu sou a criatura, o homunculus. Definido pela minha programação e tentando ser algo mais. Só queria acreditar que sou bom, mas paradoxalmente não quero ser que nem as pessoas que acreditam nas coisas que fazem elas felizes.

Fig 9 Diário pessoal.

SÉRIO, odeio vocês todos, só me odeio mais. Odeio que por eu ter machucado assim eu não vou ter chance de ser amado. EU SOU MACHUCADO e só amor me curaria, mas eu não me amo e ninguém nunca vai se eu não amo. PORQUE? POR CAUSA DE VOCES. MUPEI DE IDÉIA, ODEIO MAIS VOCES.

Fig 10 Diário pessoal.

Tendo encontrado esses pedaços da minha história e tendo privilégio de um contexto para analisá-los sob outra luz, me perguntei como nunca tinha reparado em tantos sinais. Percebi que tive contato com feminismo e mulheres que me ensinaram a não interrompê-las enquanto falavam, a não fazer piadas que poderiam magoá-las, a não comparar os corpos femininos entre outros comportamentos tradicionalmente masculinos que são opressores. Mas que os homens na minha vida e nenhuma teoria disponível pra mim na época haviam me ensinado a expressar minhas sensibilidades, que falar quando uma piada me magoa não significa fraqueza, que não devo comparar meu corpo ao de outros homens, que eu tenho valor além de o que eu puder prover e nem oferecido uma alternativa ao modelo tradicional da masculinidade. Percebi que tinha amigos, que por uma década, nunca haviam falado comigo sobre suas paixões, medos e inseguranças.

E isso não é um caso isolado, a existência de uma forma subclínica de alexitimia (transtorno que compreende a incapacidade de expressar descrever ou até distinguir as próprias emoções) encontrada em meninos e homens criados para se conformar com as normas tradicionais da masculinidade que enfatizam dureza, estoicismo e desencoraja a expressão de emoções vulneráveis foi proposta em 1992 pelo psicólogo americano Ronald F. Levant¹. Na prática, isso quer dizer que medo,

¹ AMERICAN PSYCHOLOGICAL ASSOCIATION. Dictionary APA, 2022. Página do dicionário. Disponível em: <<https://dictionary.apa.org/normative-male-alexithymia>>. Acesso em: 22 de abr. de 2022.

frustração, dor, ansiedade, são todas uma única coisa inominável e, portanto, difícil de lidar.

A partir desse ponto, como artista e homem, eu entendi que precisava tanto ser aquele que fala sobre masculinidade tóxica com meus pares quanto trazer essas descobertas para explorá-las através dos quadrinhos.

2.QUADRINHOS:

Na história “O Enigma da Falha de Amigara”, do quadrinista Junji Ito (japonês), um terremoto na montanha Amigara causa uma rachadura na estrutura rochosa revelando milhares de buracos, aparentemente sem fundo, com a forma de corpos humanos.

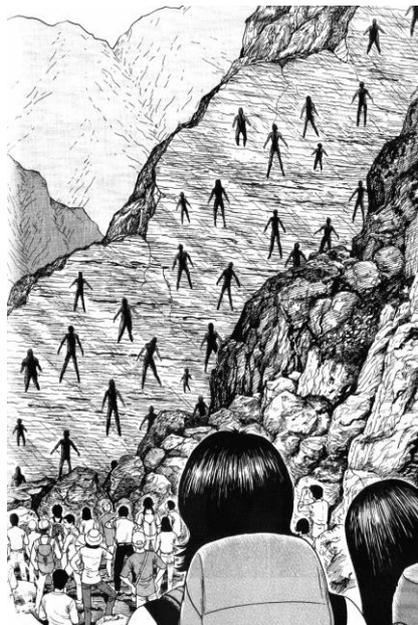


Fig 11 Junji Ito, Enigma da Falha de Amigara , página 8.

A partir desse acontecimento bizarro várias pessoas do mundo inteiro se sentem inexplicavelmente atraídas pelos orifícios. O protagonista da história, Owaki, vai visitar o local e, conversando com os outros visitantes, fica sabendo que alguns sentem terem visto sua própria silhueta nos buracos. Logo após essa descoberta um dos turistas se despe e entra no buraco com a própria forma, escorregando para dentro enquanto os outros se desesperam.



Fig 12 Junji Ito, Enigma da Falha de Amigara , página 10.

No dia seguinte uma amiga de Owaki, Yoshida, o leva até o buraco que encontrou com o próprio formato e, tremendo de medo, explica que o túnel foi feito para que ela entrasse nele e que se sente compelida, mas que sabe que se entrar ficará lá.



Fig 13 Junji Ito, Enigma da Falha de Amigara , página 21.

Pouco a pouco cada vez mais pessoas começam a entrar em seus respectivos buracos e para proteger sua amiga Owaki tapa o buraco dela com pedras. Naquela noite ele tem um sonho que entrou no buraco e, ao escorregar para dentro, foi aos poucos sendo deformado pela formação rochosa até que tivesse todos os membros alongados e torcidos.



Fig 14 Junji Ito, Enigma da Falha de Amigara , página 28.

Acordando assustado do pesadelo e não encontrando Yoshida ele vai até o buraco da amiga apenas para encontrá-lo destapado, dando a entender que ela cedeu à tentação.

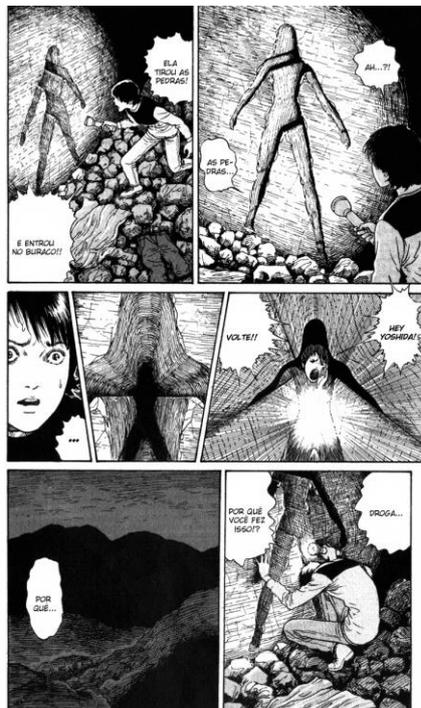


Fig 15 Junji Ito, Enigma da Falha de Amigara , página 30.

Sentado em uma rocha ele acidentalmente encontra o buraco com a silhueta dele, se despe e entra no buraco.

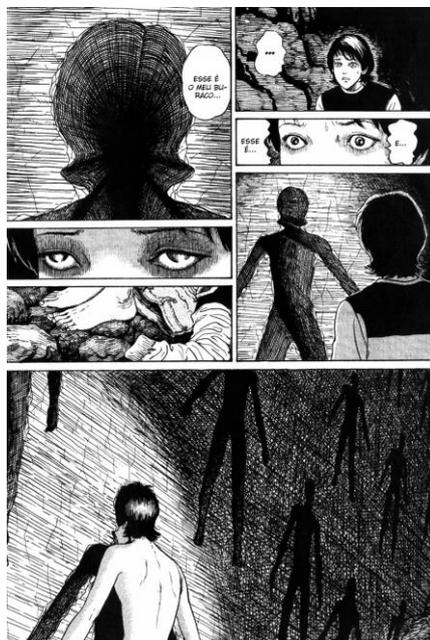


Fig 16 Junji Ito, Enigma da Falha de Amigara , página 32.

A história acaba com pesquisadores encontrando uma falha no outro lado da montanha, meses depois, com buracos tortos de formato vagamente humano. Um dos pesquisadores coloca o rosto para espiar e encontra um corpo completamente deformado.

O quadrinho pode ter várias interpretações, como qualquer narrativa, mas em mim ele apela para o terror psicológico que existe em estar destinado ou ser compelido a ocupar um papel social o qual não se deseja ocupar. Sobre como um caminho pré-determinado por pressões sociais (papéis de gênero, classe e etc) são uma armadilha tentadora que almeja nos deformar. Se fala muito no desenho do Junji Ito, mas divorciado de uma história igualmente bizarra ele não convidaria tanto o leitor a interpretá-lo. O HQ produzido para esse TCC fala de masculinidade da mesma forma, através de metáfora, e com o objetivo de convidar o leitor a uma reflexão semelhante. Eu optei por criar um quadrinho pela significância que o mesmo teve na minha formação como artista, mas também por acreditar que a narrativa tem esse potencial único que eu queria explorar.

“Os poetas, que lutam com a palavra, não lutam contra a ilustração.” (CAMARGO, 1992, p. 97.)

A rejeição dos quadrinhos por alguns professores se baseava em uma suposta subserviência do desenho à escrita. Se baseava na ideia de que a partir do ponto que o escritor constrói o enredo o ilustrador tem que apenas representar a intenção do autor “original”, tendo um papel técnico na realização da obra. Para Kress & van Leeuwen (2006, p. 18), a independência da imagem e seu potencial na cooperação com o texto é indiscutível, visto que

“o componente visual de um texto é uma mensagem independentemente organizada e estruturada, conectada com o texto verbal, mas de modo nenhum dependente dele”.

Apesar disso, quando conceitualizei o projeto e comecei a desenhá-lo era importante para mim responder a essas rejeições com a estrutura de escrita do meu HQ. Apesar de hoje questionar essa necessidade, não se fazia questionamentos dessa natureza sobre o papel do diretor no cinema, está no DNA do quadrinho essa intenção. Resolvi priorizar a imagem no meu trabalho selecionando alguns desenhos meus que tivessem a temática da masculinidade, aqueles apresentados nos capítulos anteriores, e justapondo eles de forma que eles compusessem uma história.



Fig 17 Rafael Pinto Dall' Agnol, Homunculus 4, Técnica mista, 2019.

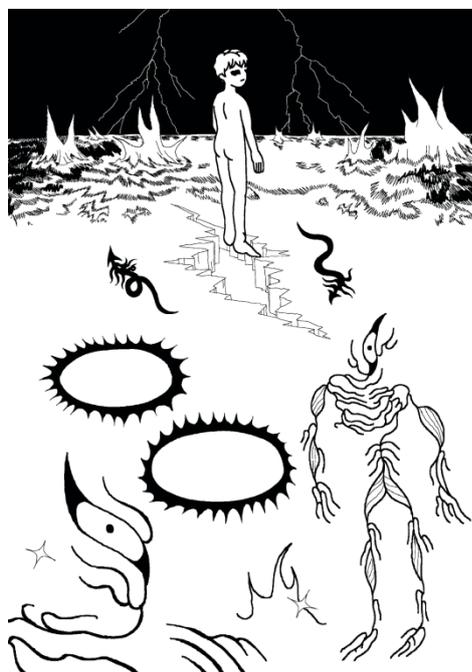


Fig 18 Rafael Pinto Dall' Agnol, Página do quadrinho, Desenho digital, 2022.

Então quando escrevi o roteiro vários pontos chaves da história já haviam sido pré-definidos por imagens. Sabendo qual era a narrativa eu segui técnicas instruídas no livro *Making Comics* de Scott McCloud (2006), desenhando as ações principais de cada página e criando uma grade na qual eu fui distribuindo os quadros necessários para que houvesse uma coesão.

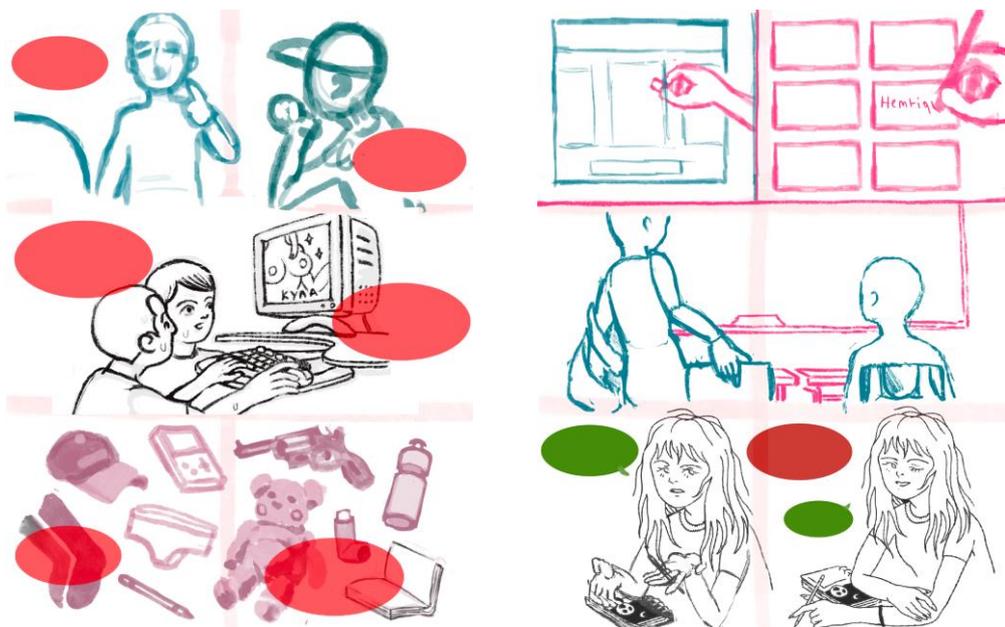


Fig 19 Rafael Pinto Dall' Agnol, Rascunho do quadrinho, Desenho digital, 2022.

As páginas acima exemplificam bem esse processo, sendo os desenhos em preto e mais definidos os desenhos “principais” de cada página e os em rosa e azul os que foram utilizados, no processo de criação, como tecido conectivo.

Como eu queria que os desenhos tivessem uma certa uniformidade eu também limitei os pincéis do trabalho a apenas cinco e as cores a duas:

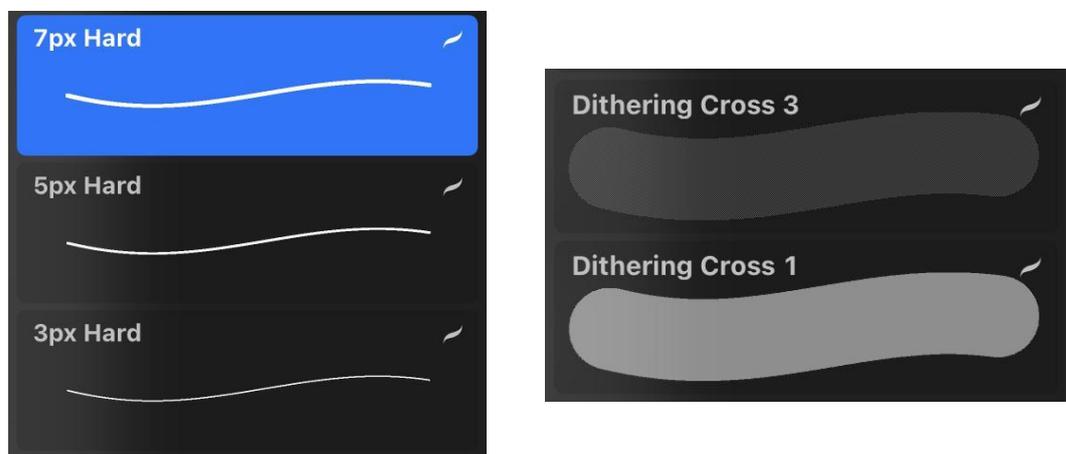


Fig 20 Pincéis utilizados na HQ.

Vejo que isso foi muito importante para a consistência visual de certos elementos da HQ, tendo em mente que os desenhos foram feitos ao longo de meses. Abaixo páginas feitas com quase 2 meses de distância entre elas:

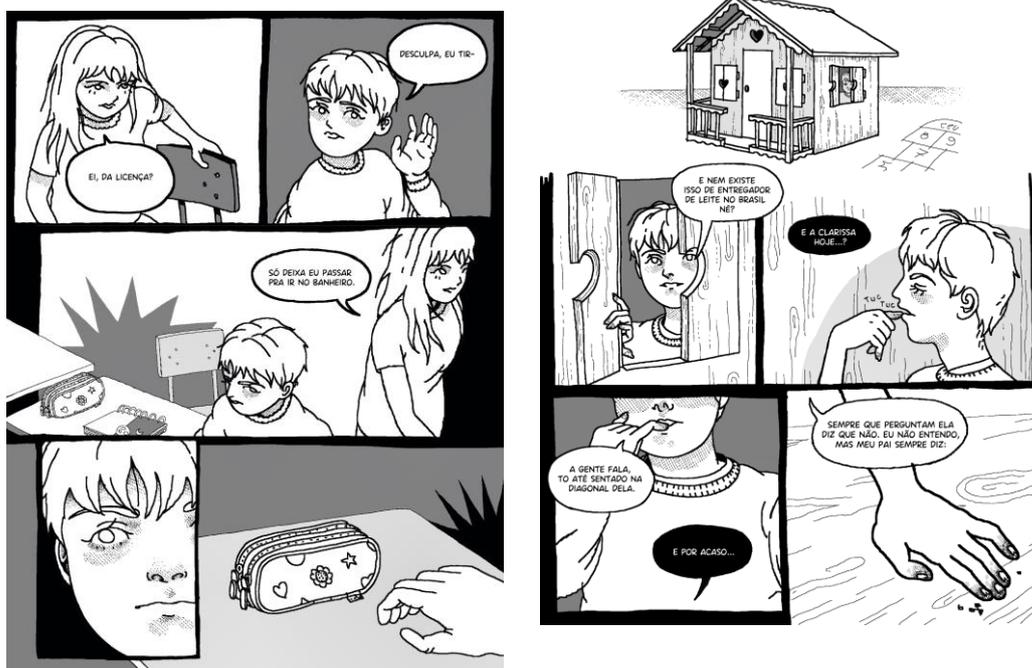


Fig 21 Rafael Pinto Dall' Agnol, Página do quadrinho, Desenho digital, 2022.

O comprimento do quadrinho foi um desafio desde o início. Projetando o comprimento baseado na quantidade de desenhos “principais” de cada página eu estimei no máximo 25 páginas, estimativa que se provou ingênua ao longo do desenvolvimento do trabalho. Acredito que meu erro tenha sido subestimar a influência que a quantidade de quadros e a minúcia com a qual eu optasse por descrever as ações dos personagens teria no *pacing* e na atmosfera da história.

Percebi ao longo do projeto que quanto mais quadros eu usava para descrever uma cena, mais tensão eu criava para o espectador. Tensão essa que era essencial para a minha narrativa que é um suspense. Isso me levou a fazer vários estudos de como seria a melhor maneira de construir no leitor essa expectativa. Percebi que para que o trabalho fosse o melhor que ele poderia ser eu precisaria dobrar o número de desenhos.

Primeira sequência mostrando a tampa da caixa sendo derrubada pelo parasita em apenas dois quadros:

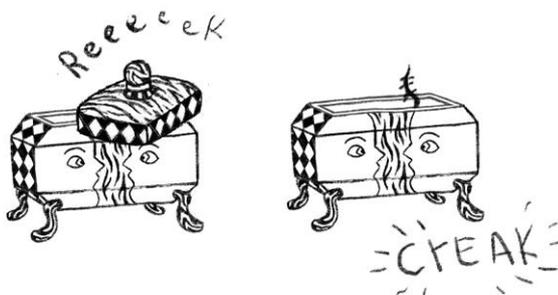


Fig 22 Rafael Pinto Dall' Agnol, Estudo de *pacing*, Desenho digital, 2022.

Segunda sequência mostrando a tampa da caixa sendo derrubada pelo parasita em cinco quadros:



Fig 23 Rafael Pinto Dall' Agnol, Estudo de *pacing*, Desenho digital, 2022.

No que se trata do roteiro me baseei em experiências minhas de infância juntamente de elementos fantasiosos e de terror. Ela começa com Henrique, o protagonista, contando sobre a relação dele com a menina que ele gosta, Clarissa, e suas brincadeiras de casinha na infância. Os bonecos, servindo como uma menção aos papéis de gênero impostos às crianças desde muito cedo, são descritos como Barbies ou Max Steels. Fazendo questão de mencionar que nenhum menino tinha Ken como uma metáfora a rejeição dos pais a uma masculinidade mais sensível.



Fig 24 Rafael Pinto Dall' Agnol, Página do quadrinho, Desenho digital, 2022.

Também é descrito por Henrique um sonho recorrente no qual uma peça solta dentro de seu boneco chama atenção dos demais amigos levando eles a questionar a legitimidade do brinquedo. Esse sonho tem a intenção de chamar atenção para insegurança de não se encaixar no papel de homem, insegurança que se atenua quando, no sonho, ele perde o papel de marido na brincadeira.



Fig 25 Rafael Pinto Dall' Agnol, Página do quadrinho, Desenho digital, 2022.

Depois dessa memória vemos Henrique em uma casinha de madeira contando sobre essas vivências a buracos no chão que o questionam. Ao lhe perguntarem sobre um outro amigo, Matheus, nosso protagonista relembra uma situação onde a sua inaptidão para lidar com sentimentos levou ao fim da amizade.

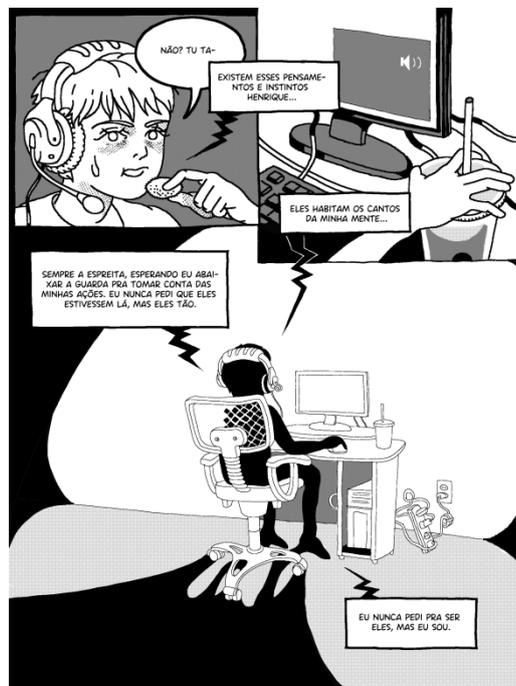


Fig 26 Rafael Pinto Dall' Agnol, Página do quadrinho, Desenho digital, 2022.

E no final da memória vemos Henrique mencionar uma cicatriz no rosto de Matheus que apareceu depois do incidente. Os Buracos então revelam a intenção de deixar Henrique passar o recreio com eles, porém com uma condição. Henrique animado pelo prospecto de não ter mais que ficar sozinho escuta o pedido, que ele traga um objeto de valor emocional de Clarissa para eles.



Fig 27 Rafael Pinto Dall' Agnol, Página do quadrinho, Desenho digital, 2022.

A história então nos leva para a sala de aula onde o protagonista senta ao lado de Clarissa e escuta ela falar, enquanto vemos seus pensamentos inseguros durante a interação.



Fig 28 Rafael Pinto Dall' Agnol, Página do quadrinho, Desenho digital, 2022.

Quando Clarissa se levanta para ir ao banheiro, Henrique rouba seu estojo e o leva para a casinha onde uma caixa misteriosa o ajudará a encontrar o objeto de valor afetivo.

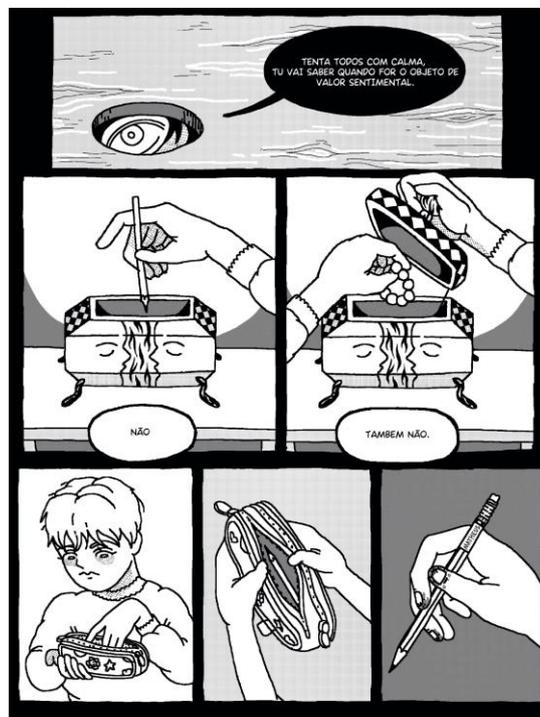


Fig 29 Rafael Pinto Dall' Agnol, Página do quadrinho, Desenho digital, 2022.

Ao descobrir que o objeto de valor afetivo é um lápis com o nome de Matheus seus medos de rejeição se concretizam ao assumir que seus sentimentos românticos por Clarissa não são correspondidos. A sensação de rejeição é posta de lado quando de dentro da caixa uma criatura se revela.

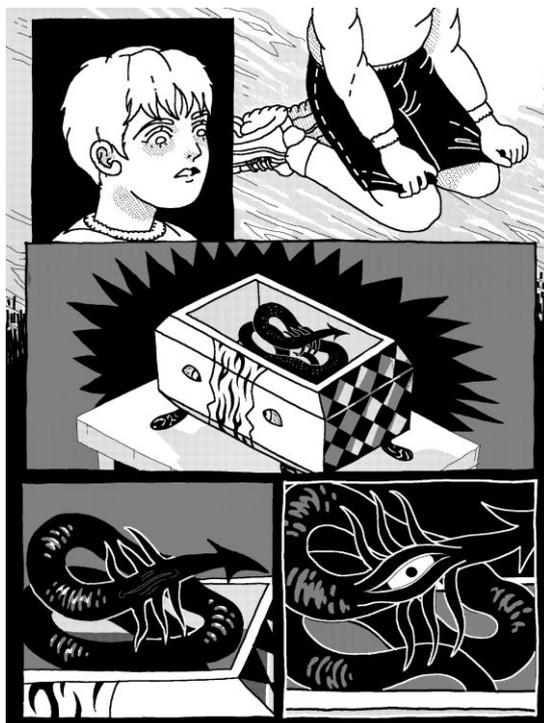


Fig 30 Rafael Pinto Dall' Agnol, Página do quadrinho, Desenho digital, 2022.

Henrique percebe que aquele parasita é para ser posto dentro dele e percebe que apesar da surpresa a criatura lhe é familiar. Ele decide engoli-la, mas não sem remarcar que seu gosto já ele já havia sentido.

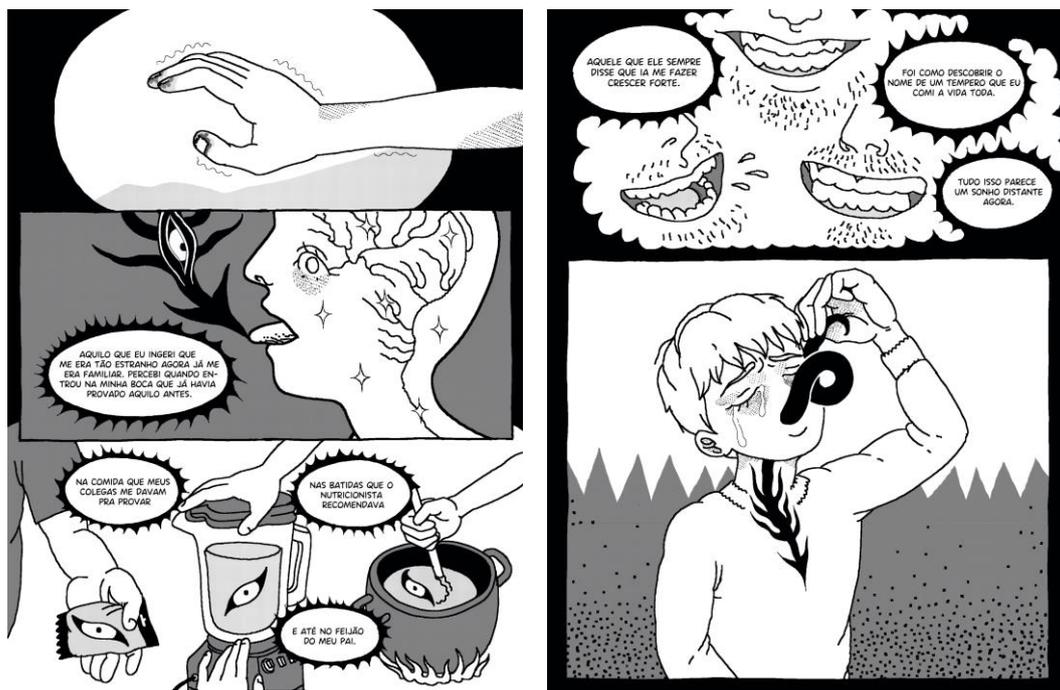


Fig 31 Rafael Pinto Dall' Agnol, Página do quadrinho, Desenho digital, 2022.

Foi fundamental utilizar de alegorias na hora de colocar os temas da narrativa na HQ e nessa parte peguei muita inspiração da obra do Junji Ito. O parasita, por exemplo, tem um paralelo com a masculinidade tóxica que é ensinada aos meninos ao longo da infância. Tocar nessas feridas se tornou mais necessário quando, através da pesquisa, eu encontrei dados que confirmaram que minhas experiências não eram individuais. Por exemplo, 72% dos voluntários de uma pesquisa conduzida pelo PapodeHomem afirmaram terem sido ensinados a não demonstrar fragilidade².

Sendo a criatura algo que foi introduzido a Henrique sem que ele soubesse e aos poucos, tal como os padrões nocivos de comportamento masculino. Acho importante destacar o papel da escolha do protagonista nesse momento, apesar desse parasita estar sempre sendo alimentado para ele a escolha de deixá-lo tomar controle é de Henrique. Essa é uma parte essencial da mensagem que eu quero passar para o leitor.

² PAPODEHOMEM. Papodehomem, 2019. Página de repositório de matérias. Disponível em <[osilencioshomens_desk.pdf](https://osilencioshomens.desk.pdf)>. Acesso em: 29 de abr. de 2022.

Depois disso vemos Henrique em casa enquanto o parasita se aloja no sistema dele e reconfigura seu corpo. Os sintomas de Henrique também servem como metáfora para como eu internalizei essa repressão emocional e para a maneira que esses valores também podam o desenvolvimento emocional dos meninos. Basta comparar com outro texto da minha juventude:

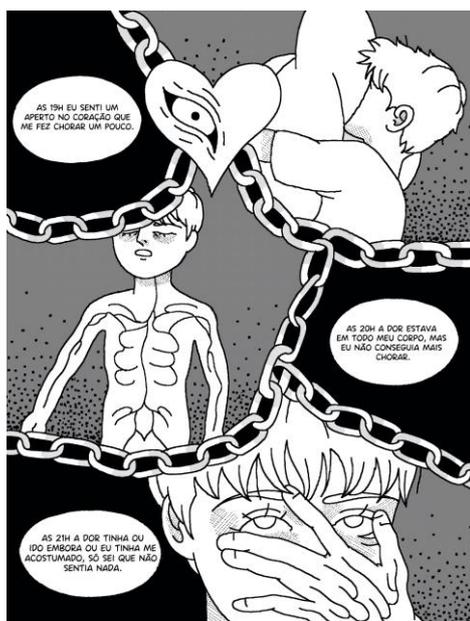


Fig 31 Rafael Pinto Dall' Agnol, Página do quadrinho, Desenho digital, 2022.

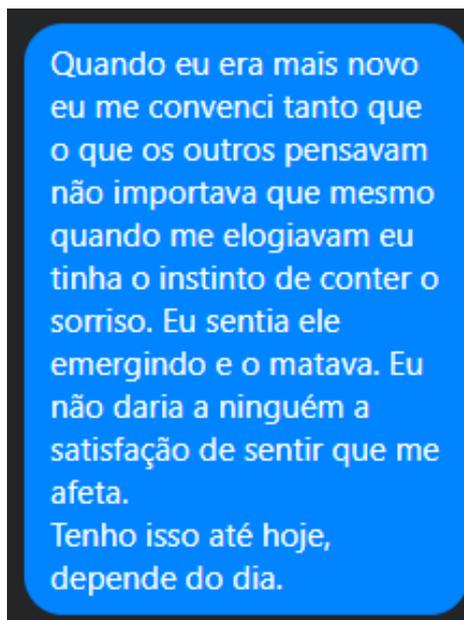


Fig 32 Diário pessoal.

Nas próximas páginas, as memórias ancestrais são desbloqueadas em sua mente e Henrique começa a alucinar outro planeta de onde a criatura veio. Lá ele vê a forma bípede da criatura habitando um terreno hostil. Em meio às montanhas uma esfera flutua enquanto é cultuada pelas criaturas. Ao escalar a esfera, o protagonista encontra um espelho no topo. No reflexo uma versão dele mesmo mais forte e demonstrando mais autoconfiança o aguarda. Em seu monólogo interno lemos que aquela versão dele é o que ele almeja ser. Que aquela versão ele acredita que merece amor. A cena termina com uma mão saindo do espelho e se dissolvendo em Henrique.

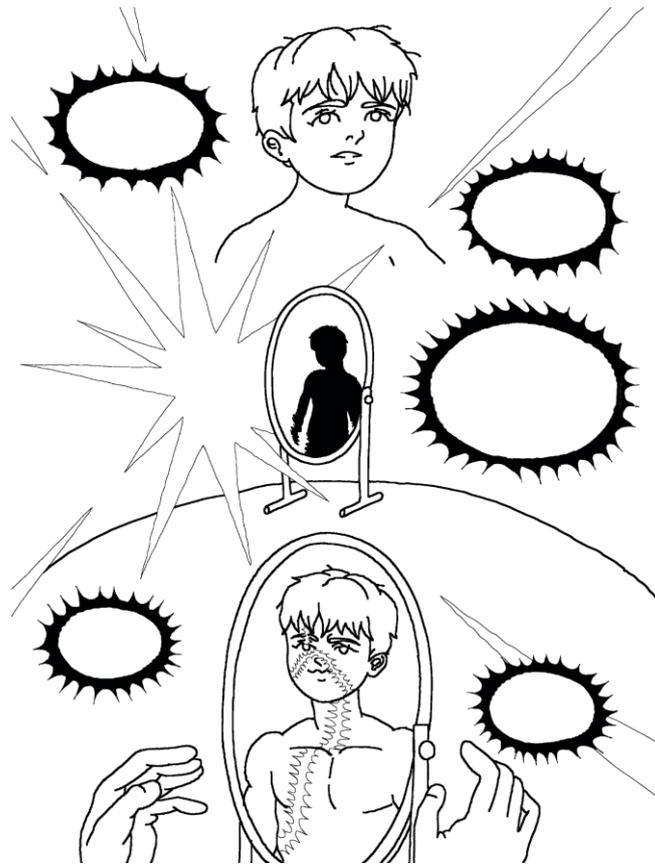


Fig 33 Rafael Pinto Dall' Agnol, Página do quadrinho, Desenho digital, 2022.

Nessa parte eu quis me referir a um sentimento presente na minha relação com a masculinidade, a insuficiência. Inclui o texto acima por ele ter sido, em parte, a inspiração para esse momento. Quis demonstrar que medir o próprio valor baseado nos parâmetros da masculinidade pode ser muito danoso.

Confiança é só um outro nome
 pra bonito, como ter con-
 fiança do jeito que eu sou?
 São sempre homens mais ve-
 lhos, mais altos, mais fortes.
 Só cansei de palhaçada, deu.
 Nesse mundo eu nunca vou
 ser a primeira opção de algu-
 quem só por ter nascido errado
 ou tu se dobla ou tu quebra
 tentando se dobrar pro outro
 lado.

Fig 34 Diário pessoal.

A partir desse ponto a narrativa acompanha Clarissa chegando na aula e encontrando uma carta em cima de sua classe. A carta é um convite de Henrique para encontrá-lo na casinha.

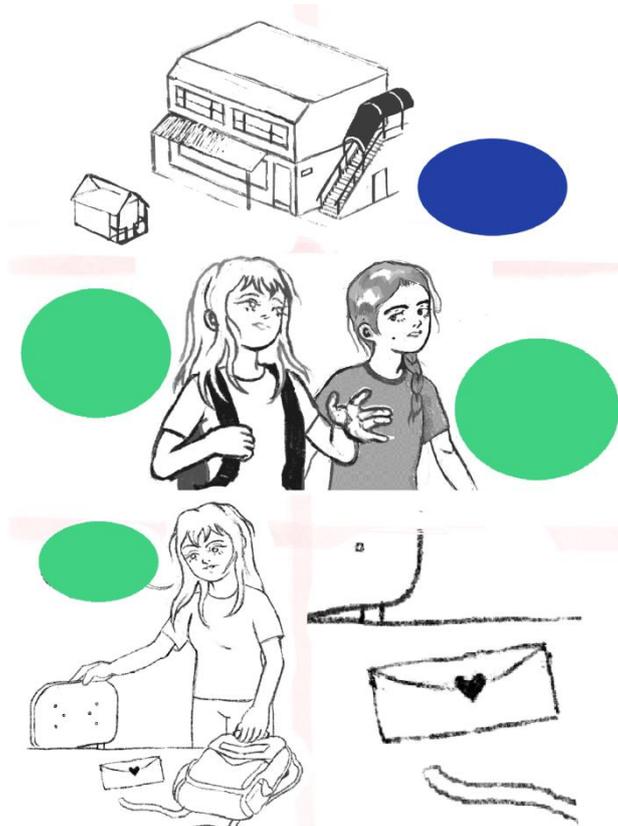


Fig 35 Rafael Pinto Dall' Agnol, Rascunho do quadrinho, Desenho digital, 2022.

Na casinha em meio às sombras, Henrique friamente entrega um monólogo delirante sobre seu sentimento de rejeição e inadequação. Quando ele se movimenta para frente vemos um corte em seu rosto com os pontos cirúrgicos frescos. Ele desfaz os pontos revelando o monstro que agora habita a pele dele. Ele mata e come Clarissa.

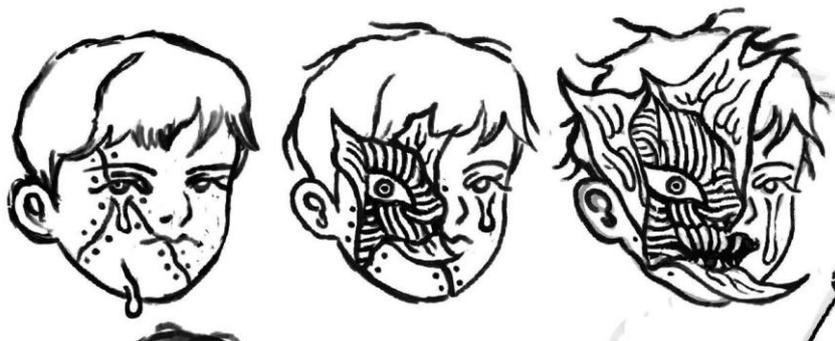


Fig 36 Rafael Pinto Dall' Agnol, Rascunho do quadrinho, Desenho digital, 2022.

Momentos depois a porta se abre e Henrique se encontra com dezenas de figuras ocultas que o parabenizam e cuidam do seu ferimento. A casinha se move para o lado e vemos que as figuras ocultas são os homens da vida de Henrique (seu pai, Matheus e outros) que o levam para uma estrutura subterrânea.

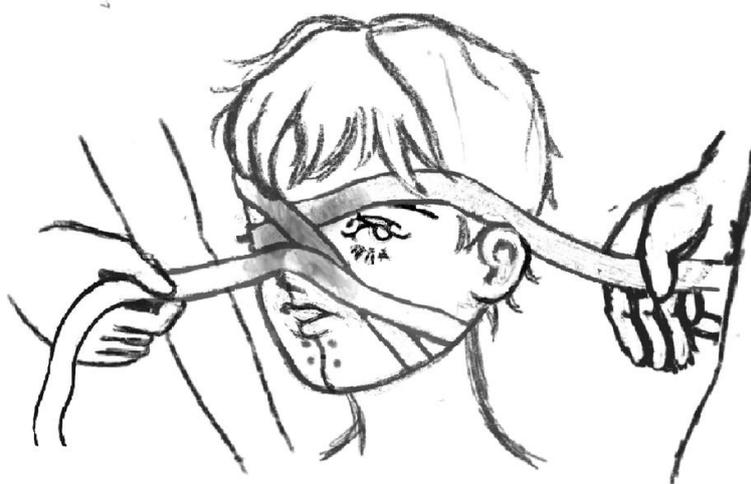


Fig 37 Rafael Pinto Dall' Agnol, Rascunho do quadrinho, Desenho digital, 2022.

Lá ele se senta e tira uma foto com seu pai em meio a uma comemoração. A foto é colocada em uma parede junto de várias outras semelhantes. A história termina com o som "shiek shiek" em meio a uma página preta, dando a entender que enquanto ele viver a vida assim ele sempre vai sentir como se tivesse uma peça quebrada dentro de si.



Fig 38 Rafael Pinto Dall' Agnol, Desenho sem nome em caderno , grafita em papel, 2017.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

“Patriarchal assault on the emotional life of boys begins at the moment of their birth.”
(HOOKS, 2004, p. 51).

“Quebrar o silêncio a respeito de sua própria fraqueza e vulnerabilidade é uma forma de humanizar-se” (KIVITZ, 2019).

As páginas da HQ ainda não estão completas devido aos atrasos necessários descritos no capítulo anterior. Assim que tiver sido concluído “O Menino e a Peça Solta” vai ser impresso e encadernado.

A favorável popularização do feminismo trouxe consigo novas possibilidades para o que o feminino pode ser e, em contraste, vemos uma masculinidade antiquada ainda em destaque. Eu queria fazer um quadrinho que pudesse ter me ajudado quando eu era mais novo a fugir desse molde. Usar do meu lugar de fala para dialogar com os meus pares e propor uma reflexão sobre a masculinidade. Em essência uma história que demonstra a solidão de um menino emocionalmente debilitado que, por não saber como ser de outro jeito, acaba se tornando um

monstro. Henrique não é um herói, ele existe para mostrar ao leitor o que pode acontecer com ele se ele não souber pedir ajuda.

A criação desse quadrinho foi um processo que envolveu muita investigação pessoal. Me ver no Henrique me fez perceber que realmente não estava bem na infância e me fez querer ainda mais compartilhar essa história. Segundo a Gazeta do Povo, os homens se suicidam quase quatro vezes mais do que as mulheres³. E de acordo com uma pesquisa em âmbito nacional com mais de 40 mil pessoas conduzida pelo O Silêncio dos Homens, são noventa e cinco por cento da população prisional e seis em cada dez afirmam enfrentar algum tipo de distúrbio emocional⁴. Eles são ensinados a não expressar suas emoções e vivem vidas cada vez mais solitárias ao envelhecer.

De acordo com a enquete, sessenta por cento dos entrevistados gostariam de se juntar a um grupo para discutir questões relacionadas à masculinidade. E em parte isso é devido à solidão. Quarenta por cento dos mais de 19.800 respondentes por meio de um longo questionário online afirmam que se sentem solitários sempre ou com muita frequência⁵.

A resolução dos problemas que afligem os meninos só pode vir com uma ressignificação do que é ser homem, afinal, para que tenhamos um diálogo social sobre as vulnerabilidades masculinas é necessário que se expressem ditas vulnerabilidades. Sendo uma parte fundamental de como vemos a masculinidade a omissão de fragilidade, como a enquete em âmbito nacional conduzida pelo PapodeHomem mostrou, apenas com uma nova masculinidade podemos atingir esse diálogo. Diálogo esse que é responsabilidade, em grande parte, de todo homem que não deseja passar adiante essa herança perversa.

³ GAZETADOPOVO. Gazeta do Povo: Saúde e Bem-Estar, 2019. Reportagem sobre saúde. Disponível em <<https://www.gazetadopovo.com.br/viver-bem/saude-e-bem-estar/homens-representam-76-dos-suicidas-do-brasil-revela-relatorio-da-oms/>>. Acesso em: 1 de mai. de 2022.

⁴ PAPODEHOMEM. Papodehomem, 2019. Página de repositório de matérias. Disponível em <[osilenciodoshomens_desk.pdf](#)>. Acesso em: 29 de abr. de 2022.

⁵ PAPODEHOMEM. Papodehomem, 2019. Página de repositório de matérias. Disponível em <[osilenciodoshomens_desk.pdf](#)>. Acesso em: 29 de abr. de 2022.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

MCCLOUD, Scott. Understanding Comics: The Invisible Art. Estados Unidos: Tundra, 1993.

KAPLAN, Louise. Adolescence: The Farewell to Childhood. Estados Unidos: Touchstone Books, 1995.

HOOKS, Bell. The Will To Change: Men, Masculinity and Love. Estados Unidos: Atria Books, 2004.

MOREIRA, Matheus. Nova geração revê 'masculinidade tóxica'; em estudo, 70% relatam serem treinados à 'ser macho'. Folha Uol, 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2019/08/nova-geracao-reve-masculinidade-toxica-ensinada-desde-cedo-para-70-segundo-pesquisa.shtml>. Acesso em: 12 Abr 2022.

VALADARES, Guilherme. É tempo de agir: Recursos para quem deseja trabalhar com homens e masculinidades. Papo de Homem, 2019. Disponível em: <https://www.papodehomem.com.br/silencio>. Acesso em: 29 Abr 2022.